



**Data:** 19.05.2014

**Título:** Família. A instituição que une todos os povos da Europa

**Pub:**

**Tipo:** Jornal Nacional Diário

**Secção:** Destaque

**Pág:** 1;16;17;18;19;20;21



Área: 4124cm² / 67%

FOTO Titagem: 27.259

Cores: 4 Cores

ID: 4854110



Data: 19.05.2014

Título: Família. A instituição que une todos os povos da Europa

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

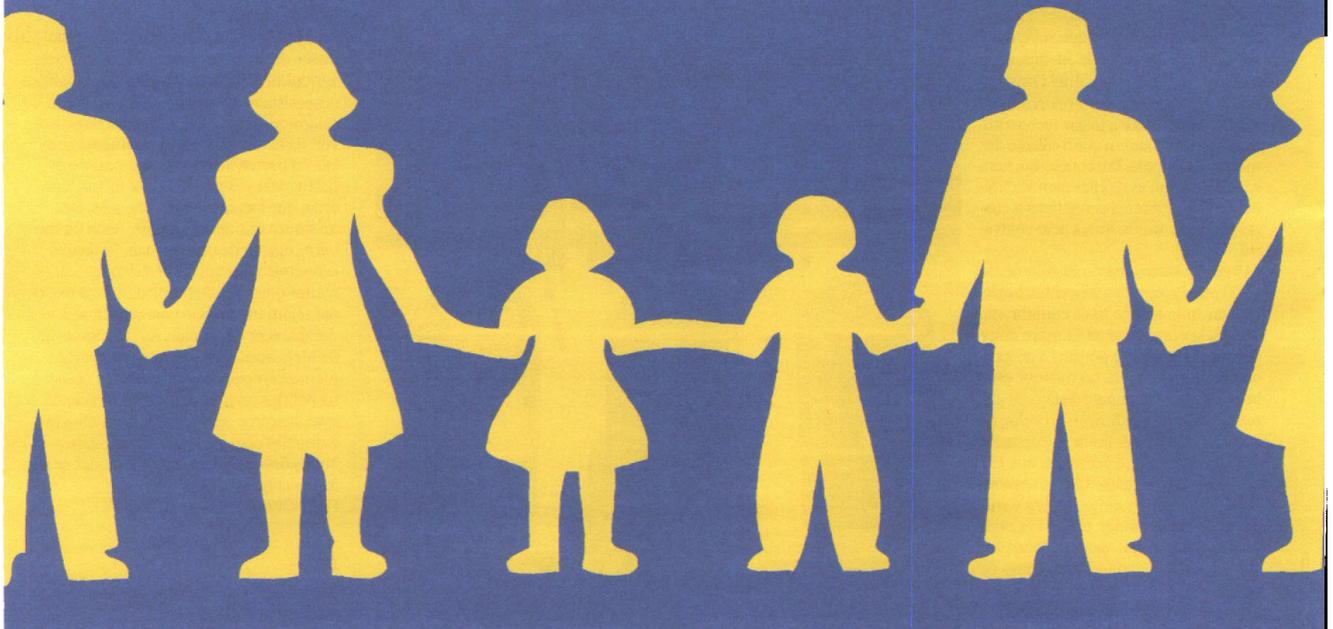
Pág: 1;16;17;18;19;20;21

  
clipping  
consultores

# © ZOOM // E QUE FAMÍLIA UNIDA...

São 28 os países que compõem a União Europeia, todos eles são diversos e separados pela cultura, a história, a geografia e até a língua, mas todos parecem concordar numa coisa: a família é uma instituição fundamental

TEXTOS *Rosa Ramos*



Área: 4124cm<sup>2</sup> / 67%

Tiragem: 27.259

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4854110



**Data:** 19.05.2014

**Título:** Família. A instituição que une todos os povos da Europa

**Pub:**



**Tipo:** Jornal Nacional Diário

**Secção:** Destaque

**Pág:** 1;16;17;18;19;20;21



Área: 4124cm² / 67%

FOTO Titagem: 27.259

Cores: 4 Cores

ID: 4854110



Data: 19.05.2014

Título: Família. A instituição que une todos os povos da Europa

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

Pág: 1;16;17;18;19;20;21



Parceria i/  
Fundação Francisco  
Manuel  
dos Santos

Família  
e Religião

Os países do Centro/Norte, os do Sul e os do Leste partilham valores semelhantes. Para melhor descodificar as estatísticas do Portal de Opinião Pública (POP), o i entrevistou três famílias: uma portuguesa, uma búlgara e uma alemã

# Família. A instituição que une todos os povos da Europa

## A União Europeia é uma torre de Babel de crenças e culturas, mas há um valor em torno do qual todos os países se unem: a família

ROSA RAMOS

[rosa.ramos@ionline.pt](mailto:rosa.ramos@ionline.pt)

Aos 11 anos, Stefan esteve prestes a matar a directora da escola. Agarrou-a pelos pés e pô-la da parte de fora de uma janela do quinto andar. O incidente, que chocou a comunidade escolar, valeu-lhe o passaporte para um reformatório juvenil. “E os reformatórios na Bulgária são prisões a sério”, recorda o búlgaro, que entretanto se formou com distinção em Engenharia. Por ser o melhor aluno e um ávido coleccionador de medalhas de mérito, a professora de Matemática intercedeu por ele e conseguiu que o deslize fosse perdoado.

O que leva um rapaz búlgaro, aluno exemplar, a tão grande irritação? A honra da família. Stefan Popov nasceu em Sófia, a capital da Bulgária. O pai era um reputado director do Banco Nacional e nunca deixou faltar nada em casa, apesar de gostar de beber. “Como quase todos os búlgaros.” A mãe sempre levou o marido com calma, até descobrir que andava a ser enganada. Pediu o divórcio e o pai de Stefan ficou com a amante.

A separação mudou a vida dos dois filhos. Stefan e a irmã mais nova passa-

ram a ser olhados de lado no bairro e na escola. “Até os professores nos desprezavam nas aulas por sermos filhos de pais divorciados”, conta. Minutos antes de ficar de cabeça para baixo do lado de fora de uma das janelas da sala de aula, a directora da escola tinha insultado a irmã de Stefan. “Disse à frente da turma toda que ela não merecia respeito por causa da situação dos nossos pais.” Foi quanto bastou para despertar os instintos assassinos de um aluno brilhante.

Na Bulgária de há 40 anos, o divórcio era legal, mas socialmente reprovável. “O homem ou a mulher que se separassem eram automaticamente vistos como pessoas mal formadas”, confirma Dilyana, a mulher de Stefan, que nasceu em Sliven, uma pequena cidade junto ao Mar Negro. Ainda hoje, segundo os dados do Portal de Opinião Pública (POP) – um projecto da Fundação Francisco Manuel dos Santos e do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa que compara as opiniões, atitudes e crenças de 27 países europeus –, persiste na sociedade búlgara alguma resistência ao divórcio. Apesar de menos conservadores que os malteses ou os polacos, os búlgaros continuam a achar que a separa-

ção de um casal nem sempre se justifica. “Talvez devido à grande importância que damos à família tradicional”, justifica Stefan. Um búlgaro pode até estar a vida inteira de candeias às avessas com os familiares. “Mas defendê-los-á em qualquer circunstância”, acrescenta.

A importância dada à família é um valor transversal a todos os povos da União Europeia – contrariando a tese de que a Europa atravessa a chamada “crise da família”. As estatísticas demonstram que entre 1990 e 2011 não houve alterações substanciais neste campo. Ainda assim, os países da Europa do Norte e do Centro parecem atribuir menos importância às estruturas familiares. Susanne Eichenhofer, professora natural do Sul da Alemanha, confirma: “Damos importância à família, como é evidente, mas não é uma prioridade absoluta.” Consequentemente, na Alemanha as famílias reúnem-se menos e os filhos saem mais cedo de casa. A independência é um valor fundamental a transmitir aos filhos. Susanne tem 48 anos e os pais não acharam estranho que, aos 17, depois de ter feito o abitur (o exame de final do ensino secundário), tenha decidido mudar-se sozinha, de armas e bagagens, para

Área: 4124cm² / 67%

Tiragem: 27.259

FOTO: 4 Cores

ID: 4854110



Data: 19.05.2014

Título: Família. A instituição que une todos os povos da Europa

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

Pág: 1;16;17;18;19;20;21



Paris. No Verão de 1988 fez-se à estrada, arrendou um quarto numa casa com três rapazes e inscreveu-se na Alliance Française para aprender a língua. No ano seguinte, voltou a viajar e veio a Portugal acampar com o namorado, no Meco. Fruto da educação liberal, Susanne espera que o filho Baltazar, que tem dez anos, também se torne independente cedo. “Aos 18 ou 20 anos, o Baltazar pode e deve sair de casa”, diz a professora alemã. Na década de 1990, Susanne cruzou-se em Lisboa com o actual marido, Lonha, que também cresceu no Sul da Alemanha. Casaram e vivem há quase 18 anos em Portugal. Lonha já tinha três filhos de um casamento anterior, mas nem sempre se vêem. “Continuam a viver na Alemanha e passamos muito tempo sem falar, o que não quer dizer que não nos preocupemos uns com os outros.”

### Sabia que...

... todos os países da União Europeia consideram a família muito importante, mas Malta, Chipre e Itália lideram a lista, atribuindo importância máxima a este valor?

### BI

#### 01. FAMÍLIA PORTUGUESA

**Nuno e Teresa** cresceram em famílias completamente diferentes. Nuno, actor com 44 anos, é filho de um médico das Caldas da Rainha. Teresa tem 43 anos, é professora de Educação Visual e Tecnológica e nasceu e cresceu em Lisboa. O pai trabalhava nos correios e a mãe era porteira

num prédio do Lumiar. Casaram em 1996 e têm duas filhas. A Beatriz tem 14 anos e a Madalena 8. Vivem num terceiro andar em Lisboa.

#### 02. FAMÍLIA BÚLGARA

**Dilyana e Stefan** Ela é médica dentista e ele engenheiro, mas está desempregado há mais de um ano. Conheceram-se na Bulgária em 2002. Cinco anos mais tarde, e depois de terem casado, nasceu Yoana – que tem sete anos e, para já, é filha única. Dilyana nasceu em Sliven, uma pequena cidade ao pé do Mar Negro, e tem 42 anos. Stefan, com 48, é natural de Sófia e o pai foi um dos directores do Banco Nacional da Bulgária.

Área: 4124cm<sup>2</sup> / 67%

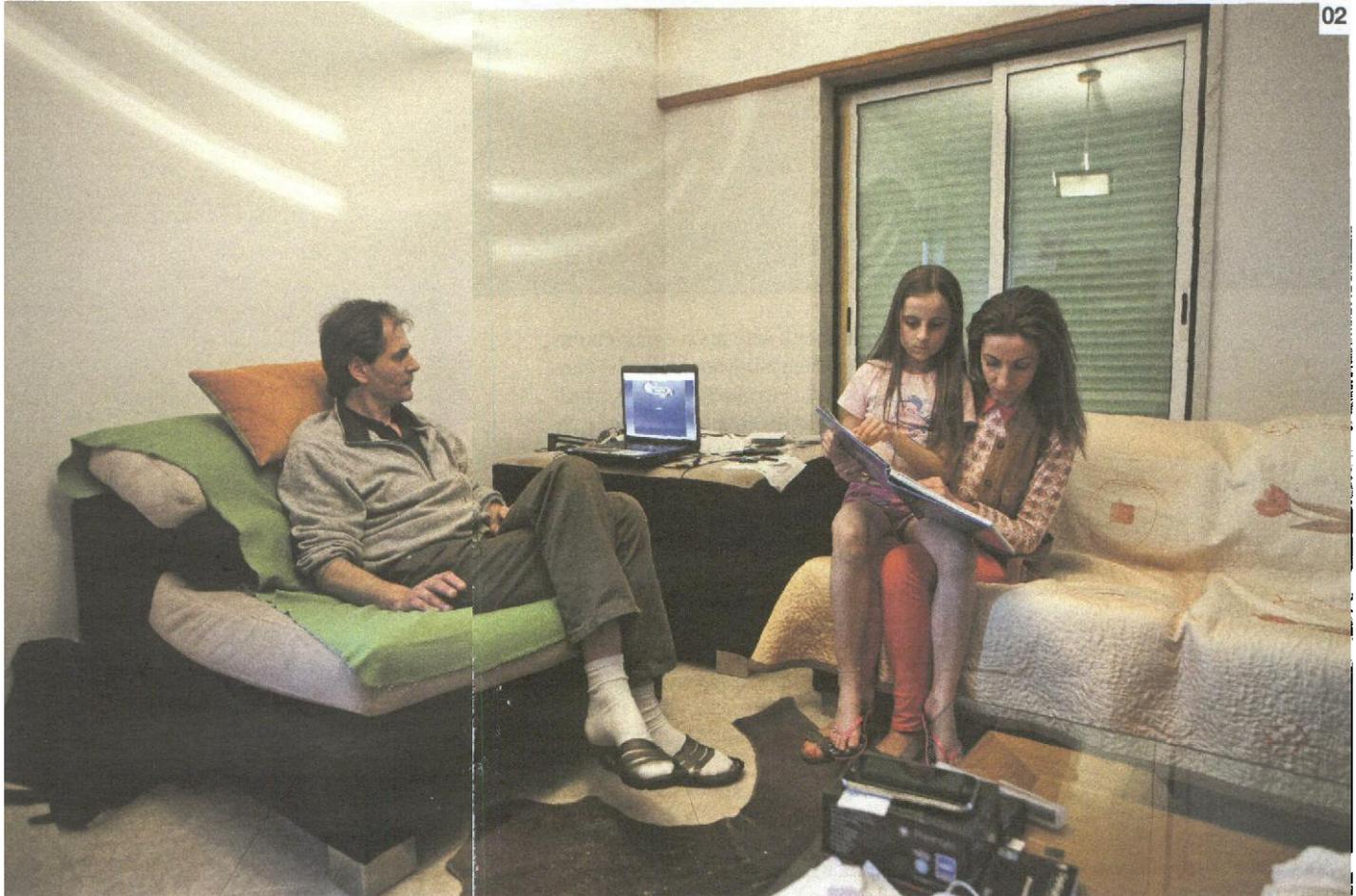
FOTO Titagem: 27.259

Cores: 4 Cores

ID: 4854110



01



02

Área: 4124cm² / 67%

Tiragem: 27.259

FOTO

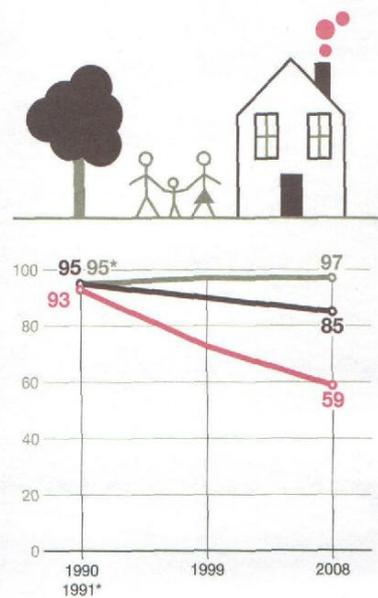
Cores: 4 Cores

ID: 4854110

### LAR COM PAI E MÃE E FELICIDADE DOS FILHOS

% QUE ACHAM QUE UMA CRIANÇA SÓ PODE SER FELIZ SE CRESCER NUM LAR COM UM PAI E UMA MÃE

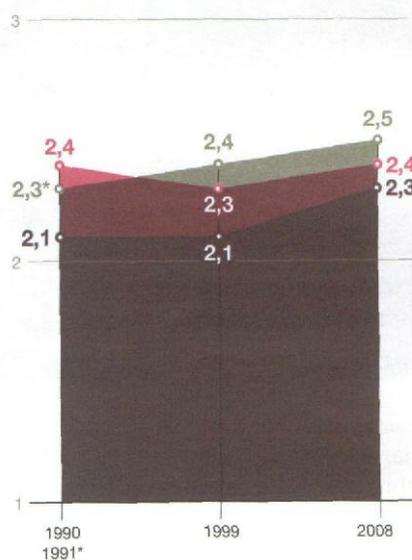
— PORTUGAL — ALEMANHA — BULGÁRIA



### RENDIMENTO ADEQUADO IMPORTANTE PARA CASAMENTO FELIZ?

VALOR MÉDIO, NUMA ESCALA DE 1 (POUCO IMPORTANTE) A 3 (MUITO IMPORTANTE)

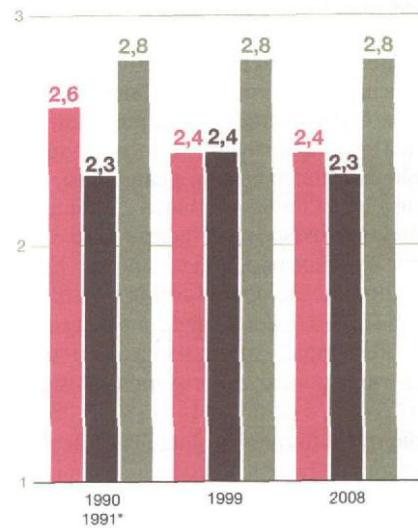
■ PORTUGAL ■ ALEMANHA ■ BULGÁRIA



### TER FILHOS É IMPORTANTE PARA UM CASAMENTO FELIZ?

VALOR MÉDIO, NUMA ESCALA DE 1 (POUCO IMPORTANTE) A 3 (MUITO IMPORTANTE)

■ PORTUGAL ■ ALEMANHA ■ BULGÁRIA





Data: 19.05.2014

Título: Família. A instituição que une todos os povos da Europa

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

Pág: 1;16;17;18;19;20;21

  
clipping  
consultores

**A EROSÃO DA FAMÍLIA TRADICIONAL** A convergência dos países da União Europeia em torno da importância da família não significa que todos a encarem da mesma maneira ou que o seu significado não tenha vindo a sofrer alterações nos últimos anos. Desde a década de 1990, a generalidade dos países da Europa têm conhecido uma erosão progressiva dos valores mais tradicionalistas. Os números do POP revelam, por exemplo, que há hoje uma aceitação massificada do divórcio na maioria das sociedades. Espanha, Luxemburgo e França são os países que mostram maior abertura à ideia de ruptura do casamento, contrariamente a Malta, à Polónia, à Roménia e à Bulgária, onde ainda persistem resistências. Quanto à Alemanha e a Portugal, ocupam o quinto e o sexto lugares da lista dos países mais progressistas em relação ao divórcio.

Os países da Europa do Sul – como a Grécia ou Itália – tendem a ser mais conservadores na maneira de olhar a família, mas Portugal parece ser excepção e aproxima-se de países com ideias mais progressistas como o Reino Unido, a Dinamarca ou a Suécia. Por outro lado, algumas mudanças no pensamento português aconteceram de forma rápida: em 1990, 93% da população defendia que uma criança só poderia ser feliz num lar constituído por pai e mãe. Mas 18 anos depois, em 1998, só 59% dos portugueses mantinham a mesma opinião.

“O meu conceito de família é muito diferente do dos meus pais”, admite Nuno Machado, que cresceu nas Caldas da Rainha. O pai era médico e a mãe, doméstica e católica, dividia-se entre a educação dos quatro filhos e a catequese. Em casa havia temas proibidos e uma esfera de intimidade reservada ao casal e em

que os filhos não podiam entrar. “Existia uma noção de hierarquia e de disciplina muito maior do que aquela que cultivamos, hoje, em minha casa. Eu nunca tratei, por exemplo, os meus pais por tu”, conta o actor de 44 anos. A educação que Nuno e a mulher, Teresa, professora de Educação Visual e Tecnológica, pensaram para as duas filhas é muito diferente daquela que lhes foi transmitida. Beatriz e Madalena têm 14 e 8 anos e tratam os pais por “tu”. “Enquanto que em minha casa não se discutia ou falava dos problemas, nós partilhamos todos os assuntos com elas”, diz Nuno Machado.

**VALORES A TRANSMITIR AOS FILHOS** Se os portugueses até manifestam opiniões que se aproximam das dos países do Norte em algumas matérias, noutros campos apresentam crenças mais próximas das dos países do Sul e do Leste Europeu, como as que dizem respeito às relações entre pais e filhos. O dever de amar e respeitar os pais, mesmo quando estes não têm razão, merece a concordância de 82% dos portugueses – percentagem semelhante às verificadas em Itália, na Grécia ou na Polónia. Na Europa do Norte, os números são bem diferentes: só 26% dos suecos e 39% dos dinamarqueses valorizam o dever de respeitar os pais acima de todas as coisas.

Os valores que os pais acreditam que devem ser transmitidos aos filhos também variam de país para país. Os do Norte e Centro da Europa procuram ensinar a independência, a imaginação e a tolerância, enquanto que na educação do Sul e do Leste impera a transmissão de valores como o trabalho, a responsabilidade ou a poupança. Stefan, por exemplo, anda preocupado com o futuro da

filha. Yoana tem sete anos e nasceu em Portugal – Stefan e Dilyana vivem há quase uma década em Queijas –, mas o búlgaro desconfia do ensino português. “A maioria das escolas, sejam públicas ou privadas, são más e eu não quero perder a minha filha”, garante. O casal de búlgaros acredita que uma boa educação é “determinante” para garantir um bom trabalho no futuro e, por isso, estão a ponderar mandar a filha para a Bulgária, onde as escolas são “melhores”. “A família búlgara, seja rica ou pobre, dá muita importância à educação, ao estudo e ao trabalho”, justifica Dilyana.

### *Sabia que...*

... mais de 40% dos portugueses acham importante ensinar os filhos a serem poupados, enquanto menos de 10% dos dinamarqueses acham isso importante?

## BI

### 03. FAMÍLIA ALEMÃ

**Susanne e Lonha** Nasceram no Sul da Alemanha, mas conheceram-se em Lisboa. Têm 48 e 56 anos e vivem em Portugal há 18. São os dois professores. O pai de Lonha era engenheiro e a mãe secretária. Divorciaram-se no final da década de 1960. Susanne nasceu em Heidenheim. A mãe tinha o sonho da música e o pai foi político e advogado. Também se separaram, em 1988. Têm um filho, Baltazar, de 10 anos.



Data: 19.05.2014

Título: Família. A instituição que une todos os povos da Europa

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

Pág: 1;16;17;18;19;20;21



Área: 4124cm² / 67%

FOTO Titragem: 27.259

Coors: 4 Cores ID: 4854110

O CASAMENTO Nem todos os países da União Europeia dão a mesma importância ao casamento. Para os gregos, os húngaros e os búlgaros, casar é essencial para a felicidade. Mas em sociedades como a holandesa, a finlandesa ou a sueca, o matrimónio é desvalorizado, enquanto que Portugal e a Alemanha surgem a meio da tabela. Igualmente díspar é a percepção que os europeus têm sobre os elementos que mais contribuem para a felicidade e o sucesso de uma união.

Quando questionados sobre se ter uma boa casa é determinante para um casamento feliz, os cipriotas, os gregos, os húngaros e os búlgaros defendem que sim. Já para os portugueses e os alemães, a questão da habitação parece não ter tanta importância, situando-se os dois

países na última metade da tabela. Mas as sociedades em que menos se acredita que uma casa pode fazer a diferença no relacionamento de um casal são os nórdicos: finlandeses, noruegueses e dinamarqueses desvalorizam a questão.

Stefan e Dilyana explicam que, tal como em Portugal, na Bulgária também vale a máxima de que quem casa quer casa. É comum os casais investirem em poupanças para poderem comprar uma casa aos filhos quando estes se tornam independentes ou decidem casar. E mais do que ter uma casa, importa ter uma casa boa. "Na Bulgária há elevados índices de criminalidade violenta e ninguém se sente seguro nas ruas", explica Stefan. Por isso, os búlgaros encaram a casa como

um reduto e um refúgio onde podem "estar em segurança". Quando chegou a Portugal para construir a barragem do Alqueva e a nova Aldeia da Luz, o engenheiro búlgaro decidiu logo comprar uma casa. "Procurei meses a fio e fiquei chocado: a construção, em Portugal, é muito fraca e eu não queria investir num imóvel de má qualidade", recorda. Pouco depois de encontrar a casa certa, Stefan regressou à Bulgária, de férias, e conheceu Dilyana. Culpa de uma dor de dentes. Ela era médica dentista na clínica da irmã dele e atendeu-o numa emergência. A partir daí, nunca mais se separaram e Dilyana largou a família e a carteira de clientes na Bulgária para vir trabalhar para Portugal. A partir desse



momento, casar era essencial para os dois. “Ela tinha 32 anos, queria ter filhos e eu fui o primeiro homem a pedi-la em casamento. Gostei dela, estava sozinho e queria ter alguém a meu lado”, justifica o engenheiro.

E como olham os europeus para a fidelidade no casamento? De uma maneira geral, as sociedades de todos os países parecem dar importância ao assunto. Mas os portugueses e os checos são os menos fiéis. Do lado oposto estão Malta, Chipre e Irlanda – que defendem acerrimamente a fidelidade. Os búlgaros e os alemães ocupam o quarto e o sexto lugares da tabela dos 27 países analisados pelo POP.

**A RELIGIÃO** No espaço comunitário professam-se religiões diferentes e, nas últimas décadas, o número de ateus tem conhecido um grande crescimento. O cristianismo é a maior religião da Europa, mas subdivide-se entre os seguidores do catolicismo romano, do protestantismo e das igrejas ortodoxas. Existem ainda 13 milhões de muçulmanos e um milhão de judeus.

Independentemente da religião professada, Malta, Chipre e Roménia são os países mais crentes, com quase 100% da população a afirmar a sua crença em Deus. Ao invés, só 36% dos checos, 48% dos estonianos e 49% dos alemães dizem acreditar. Em Portugal – onde o número de católicos tem vindo a diminuir progressivamente desde 1999 –, 86% da população ainda diz acreditar em Deus. Já os indicadores da Bulgária são mais complexos: até 1990, ano que marcou o fim do governo comunista, as práticas religiosas eram totalmente proibidas. “Só os búlgaros que nasceram antes de 1944 são religiosos e as famílias foram obrigadas, durante muitos anos, a praticar às escondidas”, recordam Stefan e Dilyana – que são ortodoxos e frequentam a igreja, todos os domingos, em Linda-a-Velha. Actualmente, 75% dos búlgaros afirmam acreditar em Deus, mas no início da década de 1990 a percentagem não ia além dos 40%.

Na Alemanha assiste-se ao fenómeno inverso: desde o ano 2000, o número de pessoas que dizem acreditar não pára

de baixar e os últimos indicadores revelam que só 47% dos alemães manifestam a crença em Deus. Em 1990 eram 69%. Ainda assim, Lonha garante que a Igreja ainda tem “um grande peso” na sociedade alemã. Prova disso é a existência de um imposto que os contribuintes pagam ao Estado para que este possa financiar as confissões religiosas. Todos os anos, os alemães indicam a que religião pertencem e é-lhes descontado cerca de 9% dos rendimentos para a respectiva Igreja. Os ateus podem ficar de fora, do sistema, desde que informem o Estado que não professam qualquer religião. “É preciso pagar uma taxa única para deixar de ficar sujeito ao imposto”, explica Lonha.

Nuno e Teresa casaram pela Igreja Católica e baptizaram as duas filhas. Mas ele diz-se ateu, apesar de ter sido educado num ambiente religioso: a mãe é ultra católica e deu catequese durante muitos anos. Já o pai não costumava ir à Igreja, mas nos últimos anos de vida aproximou-se da religião. E os três irmãos mais velhos de estudaram em escolas católicas, por serem as mais próximas de casa. “Acabei por me safar, porque entretanto a minha família mudou-se para as Caldas da Rainha, onde já havia o liceu normal”, conta o actor. Teresa pensa de forma diferente: acredita em Deus. “Não acredito é na Igreja Católica”, explica-se. Mesmo assim, baptizou as duas filhas. “Achámos que o devíamos fazer porque casámos pela Igreja e, quando o fizemos, assumimos o compromisso de apresentar a religião aos nossos filhos”, justifica. Madalena e Beatriz não vão à catequese, mas Nuno e Teresa garantem que as filhas poderão sempre escolher o caminho que entenderem. “Não interferimos nas suas escolhas e crenças”, assegura o casal português.

Apesar de ainda ser considerado extremamente católico, Portugal só aparece em quarto lugar na lista dos países europeus onde mais pessoas seguem o catolicismo, sendo ultrapassado por Malta, pela Polónia e pela Irlanda. Já a República Checa é o país da União Europeia onde mais gente afirma não pertencer a qualquer religião. Os dados do POP

mostram, por outro lado, que os nórdicos são os que menos acreditam no pecado, contrariamente à percepção que existe na Roménia, em Malta e em Chipre – onde mais de 90% da população afirma acreditar que existe pecado.



Amanhã leia a segunda parte do especial POP/i, dedicado às crenças individuais

### Números

# 3,6

Malta é o país onde existe maior resistência ao divórcio, com 3,6 pontos em 10

# 1,6

Os dinamarqueses são os que menos acreditam que as crianças sofrem sem a mãe em casa

# 47%

Espanha é o país onde menos pessoas dizem acreditar no conceito de pecado

# 26%

A Hungria apresenta a maior percentagem de pessoas que dizem não ter uma religião

# 4,5

Os gregos são os europeus que dão maior importância ao casamento: 4,5 em 5.



Data: 19.05.2014

Titulo: Família. A instituição que une todos os povos da Europa

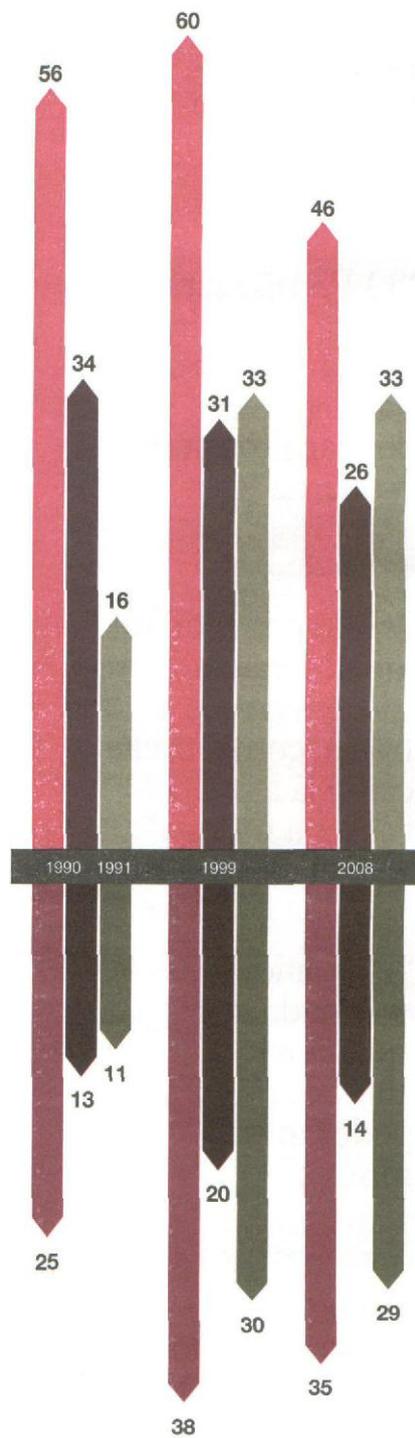
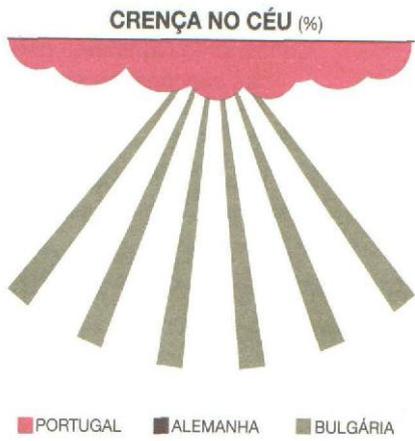
Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

Pág: 1;16;17;18;19;20;21



*Sabia que...*

... cerca de um terço dos portugueses dizem acreditar na existência do Inferno, enquanto menos de 10% dos suecos dizem o mesmo?



Área: 4124cm² / 67%  
Titagem: 27.259  
FOTO  
Cores: 4 Cores  
ID: 4854110